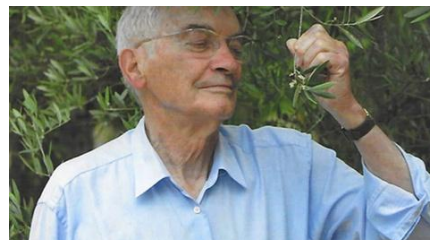


“As plantas em Camões”, inserida na Semana da Floresta do A.E. Mundão



- é a exposição “As plantas na obra poética de Luís Vaz de Camões” –

Aquarelas de Ursula Beau;
Projeto expositivo e textos: Ana Margarida Dias da Silva; Maria Teresa Gonçalves; Jorge Paiva



“Graças a uma profícua parceria com a **Universidade de Coimbra e a Sociedade Broteriana**, a **Rede de Bibliotecas Escolares** disponibiliza a versão digital desta exposição, em grande formato.” A Biblioteca Escolar de Mundão, em articulação com o PNC, vem expô-la, durante a Semana da Floresta, para “partilhar, celebrar e promover, não só a obra poética de Camões, bem como, divulgar a botânica e a língua portuguesa”.

Na época camoniana, as plantas mais conhecidas e citadas na literatura não eram as plantas comestíveis ou ornamentais, mas sim as plantas medicinais.

Também n’*Os Lusíadas*, escritos quase na totalidade no Oriente e centrados nos Descobrimentos, Luís de Camões refere principalmente as plantas medicinais e as especiarias asiáticas.

O mesmo não acontece na Lírica, maioritariamente escrita em Portugal e centrada no amor e na paixão.

Como Camões terá vivido a sua grande paixão durante os 13 anos que esteve em Coimbra (1531- 1544), de onde partiu cerca dos 20 anos, as plantas referidas na Lírica são, na sua maioria, dos campos do Mondego. O poeta alude a essas mesmas plantas, saudosamente, n’*Os Lusíadas*, nos episódios de “Inês de Castro” (Canto III.118-135) e da “Ilha dos Amores” (Cantos IX.18 – X.95).

Não é fácil determinar com exatidão todas as plantas citadas por Camões na sua obra (Épica e Lírica), pois a maioria das vezes refere-as de forma poética e utilizando, como o próprio afirma, derivações com extraordinários malabarismos linguísticos.

Nesta exposição, encontram-se ilustrações de alguns poemas de Luís de Camões, com aquarelas das plantas glosadas. Da autoria de Ursula Beau (1906-1984), as aquarelas representam espécies da flora espontânea de Portugal e fazem parte de um notável conjunto pertença da Sociedade Broteriana.

Em cada painel poema-aquarela, indica-se o nome vulgar e o nome científico das plantas e destaca-se a sua menção no texto.



Botânico Jorge Paiva despede-se aos 91 anos desiludido com a luta ambiental

“Camões é um valoroso e verdadeiro lírico, enquanto eu fui um 'lírico' irrealista”, lamenta o professor jubilado da Universidade de Coimbra, num postal

com o título *Ambiente e desilusão*, onde dá os votos de boas festas e felicidades para 2025.

Botânico Jorge Paiva despede-se aos 91 anos desiludido com a luta ambiental Jorge Paiva, de 91 anos, confessa um “desalento enorme” e afirma que “após mais de meio século de atividade cívica pelo ambiente e pela natureza”, tem agora “plena consciência de ter sido uma luta improfícua”. Estando Portugal a comemorar os 500 anos do nascimento de Camões, que estudou em Coimbra, e “sendo *Os Lusíadas* a sua obra mais estudada pelos alunos”, nas escolas e demais instituições onde proferiu 2500 palestras, o investigador recorda que os jovens “ficavam sensibilizados para o desastre ambiental do planeta”.



<https://www.publico.pt/2024/12/30/azul/noticia/botanico-jorge-paiva-despedese-91-anos-desiludido-luta-ambiental-2117277>

Articulação BE/EMRC

Reconhecer a importância dos valores de cidadania para a formação de uma consciência cívica e de uma intervenção responsável na sociedade democrática

Juntos construímos pontes e edificamos valores que nos guiam e orientam na vida.

As flores dos valores

Depois de veres a exposição, escolhe uma flor ou o seu desenho e escreve uma frase/poema que apele à defesa e proteção da natureza.



Os Lusíadas Canto III,97

Loureiro (*Laurus nobilis*)

D. Dinis foi o primeiro a introduzir os estudos (Universidade) em Coimbra e conseguiu que o saber e a poesia (para além de ter o cognome de “O Lavarador”) ele foi poeta) se cultivassem nas margens do rio Mondego. Coimbra é uma nova Atenas: ali são conhecidos e premiados os que se dedicam ao estudo.

bácaro- planta herbácea (*Nardus strictus*) com que se fabricavam as coroas de louro, que se atribuíam aos premiados.(sentido fig.)- coroa de louros.

capelas de bácaro e de louro-coroas de louro.

Os Lusíadas Canto IX, 57

Murta ou Mirto (*Myrtus communis*)

Nesta estância Camões refere-se a diversas espécies botânicas, relacionando-as com figuras mitológicas:

Choupos - “**Álamos** são de Alcides”- Álamos são choupos. Alcides é um semideus, símbolo do Homem em luta contra as forças da natureza, exemplo de masculinidade.

Loureiros - amados por Apolo que tinha paixão por Dafne.

Mirtos de Citereia (Vénus, deusa da beleza e do amor, chamada Citereia por ter um santuário em Citera, uma ilha do Mar Egeu).

Pinheiros de Cibele – Cibele é Mãe dos Deuses ou Deusa Mãe.

Cipariso = Cipreste - Cipariso era um jovem extraordinariamente belo, cuja graça e juventude cativaram Apolo, o deus da luz e das artes. Movido pelo seu encanto, Apolo tomou-o sob sua proteção, e sua ligação logo se tornou um amor profundo e sincero.

Como demonstração de afeto, Apolo entregou a Cipariso um majestoso veado, um animal único pela sua mansidão e elegância.

No entanto, um dia, a tragédia atingiu quando Cipariso, enquanto caçava, cometeu um erro fatal. Num infeliz acidente, ele lançou o seu dardo e, sem se aperceber, feriu mortalmente o seu amado veado. A dor que sentiu ao ver seu fiel companheiro morrer foi imensurável. Enganado pelo remorso e tristeza, Cipariso não conseguia parar de chorar pela sua perda.

Desesperado, implorou a Apolo que o deixasse chorar eternamente pelo seu amigo caído. Apolo concedeu-lhe o seu desejo, transformando-o num cipreste, uma árvore cuja forma alongada e escura parece alcançar o céu num lamento silencioso. Desde então, o cipreste tem sido símbolo de luto e eternidade. Essas árvores são muitas vezes encontradas nos cemitérios, como um lembrete das lágrimas e da dor por aqueles que já não estão entre nós, mas também como um sinal da ligação perpétua entre o terreno e o divino.

Os Lusíadas Canto IX, 59

Romãzeira

“A romã, abrindo-se, mostra os seus rubis” -O rubi é uma pedra preciosa que vai de tons de vermelho a tons de cor-de-rosa.

Ulmeiro – olmo

Vide – **Videira** (jucunda – agradável); A vide encosta-se ao ulmeiro com os seus cachos verdes e roxos;

“**Peras piramidais**”- as peras em forma de pirâmide expõem-se às bicadas dos pássaros.

Os Lusíadas Canto IX, 60

Narciso (*Narcissus asturiensis*)

A tapeçaria persa perde o valor em comparação com a que aumenta a amenidade do vale. O **narciso** pende sobre a água do tanque, onde florescem **anémonas**.

O narciso, que foi transformado em flor, era filho de Cefiso, daí Camões se referir ao narciso como “flor cefísia”.

“**Filho e neto de Ciniras**” é a **anémoma** – nascido do incesto de Ciniras com sua filha Mirra; foi morto por um javali. **Vénus** (deusa Páfia), sua amante, fez nascer do seu sangue uma flor, a anémoma.

Os Lusíadas Canto IX, 61

Lírio roxo (*Iris subbiflora*)

Violetas, lírio roxo e rosa

Veem-se na terra as cores da Aurora, e é difícil julgar se é a terra que as reflete ou se o céu as reflete na terra.

A primavera pinta ali as violetas pálidas como os amantes, o lírio roxo, as rosas da cor das faces da donzela.

Os Lusíadas Canto IX, 62

Flores Hiacintinas (*Gladiolus illyricus*)

Açucenas, jacintos, manjeronas, pomos (maçãs), **boninas** (flores silvestres, margarida dos prados).

Nesta estância Camões refere as açucenas brancas, húmidas no orvalho; as manjeronas; os jacintos com as letras tão amadas de Apolo. A deusa das flores (Clóris) está ali em competição com a deusa dos frutos (Pomona).

Os jacintos são plantas bolbosas que dispõem de cachos de flores de diferentes cores. Estas flores caracterizam-se pela sua constante floração e cheiro. A manjerona tem folhas aromáticas com sabores doces a pinho e a citrino.

“filho de Latona”=**Apolo**, que era descrito como o deus da divina distância, que ameaçava ou protegia desde o alto dos céus, sendo identificado como o sol e a luz da verdade. Fazia os homens conscientes de seus pecados (...)

Os Lusíadas Canto X, 34

Carvalho (*Quercus sp.*)

Como um touro na época do cio que se ensaia para o combate com os cornos nos troncos das árvores, assim D. Francisco de Almeida (vice-rei da Índia e conquistador de Dabul) antes de entrar no Golfo de Cambaia, aguça a espada destruindo Dabul.

“túmida ousadia” – orgulhosa ousadia.

Elegia (poema sobre assunto triste ou lutuoso)

Jacinto-das-Searas (*Muscari comosum*) - O jacinto-das-searas ocorre “em searas, olivais, vinhas e outros campos agrícolas, em prados, pousios e clareiras de matos, pinhais e bosques”, “tem cores acastanhadas e violeta”.

Piropo- pedra preciosa de cor avermelhada

Esmeralda - pedra preciosa de cor verde

Corinto – cidade da Grécia antiga famosa pelos seus vasos.

Paros – cidade que exportava mármore

Esmaltar- matizar; dar brilho;

Écloga ao Duque de Aveiro

Murta ou Mirto (*Myrtus communis*)

(Écloga é um poema ambientado na natureza, que apresenta, na maioria das vezes, a forma de um diálogo entre pastores ou o solilóquio de um só pastor, de tal modo que pode ser representado como uma pequena peça de teatro.)

Na mitologia grega, a murta era consagrada a [Afrodite](#). O mesmo aconteceria na mitologia romana, em que Vénus recebia o título de Múrcia, que a relaciona a esta planta. De facto, desde a antiguidade que esta espécie está relacionada com rituais e cerimónias solenes - já os Gregos a utilizavam para adornar as noivas com grinaldas, como ainda por vezes acontece hoje em dia, existindo também referências no Antigo Testamento a este modo de adornar as noivas. A madeira de murta mirra era ainda usada para incensar cerimónias religiosas na Grécia Antiga.

Agrário= Ceres/Deméter- deusa da Agricultura

Ode

Lírio (*Iris foetidissima*)

A ode é um poema de estilo particularmente elevado e solene, elaboradamente estruturado, descrevendo intelectual e emocionalmente a natureza e o mundo.

Nesta ode, Camões refere os **cravos, os lírios e as rosas vermelhas**, que estão secas pela calma (calor do sol, com falta de vento).

Soneto

Violeta (*Viola tricolor*)

Neste soneto há a referência a D. Violante, uma das amadas de Camões.

Violante, uma das paixões de Camões, era loura e o seu retrato está num quadro na capela da Santa Casa da Misericórdia de Algodres.



Soneto

Violeta (*Viola riviniana*)

Neste soneto são referidas as rosas e as violetas que eram mais bonitas e graciosas.

Cupido (personificação do Amor) prefere as violetas aos lírios e às rosas.

Cupido, também conhecido como Amor, era o deus equivalente na mitologia romana ao deus grego Eros. Filho de Vénus e de Marte, (o deus da guerra) andava sempre com seu arco, pronto para disparar sobre o coração de homens e deuses.

Diana- deusa da caça

Consultadas as notas do Prof. António José Saraiva

Na edição Os lusíadas, Luís de camões, edição Figueirinhas2ª ed. 1999.